

# O MAR NA TERRA E A TERRA NO MAR: O ENCONTRO DAS OFICINAS PESQUEIRAS<sup>1</sup>

## SEA ON EARTH AND THE EARTH AT SEA: THE MEETING OF FISHING WORKSHOP

**Cristiano Wellington Noberto Ramalho**

*cristiano.ramalho@yahoo.com.br*

Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP), Professor adjunto de sociologia do Departamento de Sociologia (DS) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Bolsista de Produtividade de Pesquisa do CNPq.

### RESUMO

Com base nos conceitos de *coalescência*, *cultura de ofício* e *oficina*, que foram tecidos no diálogo com a pesquisa etnográfica (realizada nos meses de outubro e novembro de 2009 e em novembro e dezembro de 2014) e com a história de vida de 20 pescadores artesanais da praia de Carne de Vaca, município de Goiana, litoral norte de Pernambuco, as *caiçaras* (construções à beira-mar para guardar equipamentos de pesca) e os *barcos* são entendidos enquanto lugares de sociabilidade, comunicação, coesão e formação de valores socioculturais, sendo *pontos de coalescência* ligados por uma *cultura de ofício* (a pesqueira artesanal) que a fazem ser *oficinas* complementares (a oficina do mar, o *barco*, e a do continente, a *caiçara*), uma grande unidade.

**Palavras-chave:** Oficina Pesqueira. Pesca Artesanal. Socioantropologia da Pesca.

### ABSTRACT

Based on the concepts of *coalescence*, *craft and culture* and *workshop*, which were created from the dialogue with the ethnographic research (made in October and November 2009 and in November and December 2014) and with the life story of 20 artisanal fishermen from Carne de Vaca Beach, Goiana, north shore of Pernambuco, the “*caiçaras*” (buildings by the sea to save fishing equipment) and the boats are understood as places of sociability, communication, cohesion and training of socio-cultural values, and *points of coalescence* connected by a *craft culture* (artisanal fishing) that make them complementary *workshops* (the workshop of the sea, the boat, and the continent, the “*caiçara*”), a large unit.

**Keywords:** Fishing Workshop. Artisanal Fisheries. Socio-anthropology Fisheries.

### APRESENTAÇÃO<sup>2</sup>

Vivemos em outras pessoas,  
senhor... Vivemos nas coisas  
(Virginia Woolf, *Entre os atos*)

[...] o poder de botar nas coisas em  
que pegava uma aparência de vida  
(Gilvan Lemos, *O anjo do quarto dia*)

Para a compreensão de algumas estruturas e formas de organização social, as ciências sociais, em vários momentos, analisaram lugares, instantes e/ou processos capazes de traduzir - quase como se fossem sínteses - modos de vida e formas de ser de determinados grupos e frações de classe social em certos contextos e períodos históricos. Por exemplo, é impossível pensar nos povos estudados nas ilhas do Pacífico Ocidental, por Bronislaw Malinowski (1976), sem entender *o sistema Kula*; decifrar o período do reinado de Luís XIV, na França, sem levar em conta as regras de etiquetas e de prestígios que fundamentavam sua *sociedade de corte*, segundo Norbert Elias (2001); entender a sociabilidade caipira paulista sem a existência dos *bairros rurais*, como revelou Antonio Candido (2001); ou desvelar a formação do Brasil sem que a *casa grande* da família patriarcal rural do senhor de engenho assumia fator decisivo para Gilberto Freyre (2005).

No caso do universo dos pescadores artesanais<sup>3</sup>, isso não foi diferente. Um conjunto de aspectos foi destacado pela Socioantropologia da Pesca e Marítima nas últimas décadas em nosso País como elos de entendimento das realidades da pesca, a saber, o sistema de marcação dos pesqueiros e a presença dos mestres (MALDONADO, 1993); a praia enquanto *locus* da produção e reprodução dos pescadores (PESSANHA, 2003); o tempo da natureza, ao invés do tempo mercantil, como sinônimo de vida e de trabalho (CUNHA, 1987); a crescente subordinação das comunidades pesqueiras aos mais distintos processos capitalistas de produção (MELLO, 1985; LOUREIRO, 1985); o saber tradicional (DIEGUES, 2004a; FURTADO, 1993) e as *particularidades* do povo do mar (DIEGUES, 1983); e os laços de trabalho e pertencimento (RAMALHO, 2006).

Enfim, alguns significativos elementos são (e foram) capazes de permitir a apreensão das estruturas e formas de organização societária de diferentes grupos sociais, e é isso que objetivamos desenvolver em relação a um grupo de pescadores artesanais através das categorias *caiçara* e *barco*. Categorias essas que emergiram com base na pesquisa etnográfica (realizada nos meses de outubro e novembro de 2009 e, depois, de novembro a dezembro de 2014), na observação direta e participante e na história de vida de 20 (vinte) pescadores artesanais<sup>4</sup> da praia de Carne de Vaca, no município de Goiana, litoral norte de Pernambuco<sup>5</sup>.

Nesse sentido, o presente escrito terá como foco as *caiçaras* e as *embarcações* como lugares de sociabilidade, coesão, formação e informação, que estão ligadas pela *cultura de ofício* pesqueira artesanal, enquanto *oficinas pesqueiras*. Dessa maneira, ambas são definidas [*caiçaras* e *barcos*] - neste escrito - como *oficinas*, isto é, “no passado como no presente, as oficinas estabelecem um movimento de coesão entre as pessoas através dos rituais do trabalho” (SENNETT, 2009, p. 88), constituindo-se numa escola sociocultural de determinado ofício, cujo talento é “[...] transmitido aos mais novos, como saber adquirido e reconhecido pelo grupo social, e traduzido para a prática do ofício através da figura do mestre” (MARTINS, 2008, p. 82). Portanto, as *oficinas* são *locus* de transmissão e desenvolvimento de saberes e fazeres ancestrais “[...] aprendidos pela tradição oral e pela prática [...]” (RUGIU, 1998, p. 73).

Quando classifico a *caiçara* e as *embarcações* de oficinas, faço também no sentido etimológico que esta palavra possui, de acordo com sua origem latina: a oficina é o “lugar onde se trabalha ou onde se exerce algum ofício. Lugar onde estão os instrumentos de uma indústria, arte ou profissão” (AMORA, 1997. p. 480).

Embora separadas geograficamente, a *caiçara* e o *barco* possuem complementaridades enquanto processos de formação e de pedagogia do mundo do trabalho pesqueiro artesanal por serem utilizadas, sobretudo, pelo mesmo grupo de homens. Assim, água e terra, mar e continente, são dois ambientes vinculados e tecidos pelo pertencimento a um ofício, a uma cultura de trabalho

artesão (o da pesca artesanal), construindo entre si múltiplas dependências e determinações societárias, visto que a oficina pesqueira em terra (a *caiçara*) é a base de reparo e feitura dos equipamentos tecnológicos, dos instrumentos produtivos, espaço das conversas sobre o dia de trabalho, suas avaliações, ponto de encontro; e a oficina marítima (o *barco*) é o lugar da perícia técnica náutica e, principalmente, de execução da obra da pescaria, do ato, do fazer da pescar. Tais oficinas dialogam, moldando-se enquanto partes de um todo, *pontos de coalescência* do saber-fazer pesqueiro.

O conceito *coalescência* foi um termo utilizado pela antropóloga Gioconda Mussolini, na década de 1950, para descrever as profundas e íntimas conexões entre pólos e localidades diferentes em que se praticava e comercializava a pesca entre o Sudeste e o Sul do Brasil. Assim, *coalescência* é “[...] a tendência que se observa é a de transformar-se esta área, do Estado do Rio [de Janeiro] para o sul, numa *grande unidade*, dentro do qual o calendário das atividades da pesca vai perdendo seu caráter local [...]” (MUSSOLINI, 1980, p. 245, grifos nosso). Ademais, esse conceito é crucial, porque “numa análise sincrônica da pesca, poderíamos aproveitar a sugestão oferecida pelos próprios barcos em seu deslocamento e, estrategicamente, nos situar ora num ora noutra extremo de suas rotas” (Idem, p. 243).

Sendo assim, as *oficinas pesqueiras - caiçara* (na terra) e *embarcação* (nas águas) - são pontos de *coalescência* da pesca artesanal, representando junções que aparentemente se encontravam separadas, mas que estão aglutinadas por um mesmo saber-fazer artesanal, um modo de vida, a uma *cultura de ofício*, numa grande unidade, a saber, “um ofício compreendia todos aqueles que tinham adquirido técnicas peculiares de ocupação mais ou menos difícil, através de um processo específico de educação” (HOBSBAWM, 1987, p. 355) com “[...] um senso de dignidade e de auto-estima, derivado do trabalho manual difícil, bom e útil à sociedade” (Idem, p. 372) e onde os artífices portam uma “[...] crença justificada de que sua técnica era indispensável à produção; na verdade na crença de que ela era o *único* fator indispensável à produção” (Ibidem, p. 358, grifo do autor), o que pode ser encontrado também na pesca.

Antonio Carlos Diegues (1983) destaca que, além do orgulho e da noção de liberdade em relação à sua profissão, os pescadores se identificam como um grupo possuidor de um sentimento de “corporação de ofício”, cuja pesca artesanal “é entendida como o domínio de um conjunto de conhecimentos e técnicas que permitem ao produtor subsistir e se reproduzir enquanto pescador” (Idem, p. 197). Desta feita, ser pescador é ter “o controle de como pescar e do que pescar, em suma, o controle da arte da pesca” (Idem, p. 198).

Especificamente no caso da pesca artesanal pernambucana, em algumas localidades (a exemplo de Carne de Vaca), se existe ainda uma *cultura do trabalho* de forte inspiração na sociedade do trabalho dos artífices, isso não quer dizer que tal cultura sobreviveu incólume e nem que continua de maneira semelhante ao passado, porque isso seria uma transposição mecânica e um dogma anacrônico.

“Contudo, pode-se afirmar que, sem dúvida, o processo de socialização, o longo tempo para feitura do mestre, a organização do trabalho no mar, a centralidade do saber-fazer do trabalho, o valor de uso mais intenso que o valor de troca, o controle dos meios de produção, a permanência de algumas técnicas e tecnologias, guardam diversos aspectos vivos e fundantes do mencionado *sentimento de corporação*.” (RAMALHO, 2007, p. 77).

Compreendo, com base na pesquisa feita, que é nas (e pelas) oficinas que essa *cultura de ofício* objetivou-se e ainda se objetiva na pesca artesanal. O

artigo, enfim, dedicará suas reflexões sobre a *caiçara* e o *barco* na qualidade de *oficinas pesqueiras* irmanadas por processos e interações sociais, distinções e unidades, as quais são *pontos de coalescência* de uma mesma *cultura de ofício*.

## CAIÇARA, A OFICINA CONTINENTAL

Em Pernambuco, as *caiçaras* são pequenas construções de taipas e palhas de coqueiros – telhas de barro ou de amianto - feitas à beira-mar das praias, em rios e/ou estuários, servindo de esteio para os pescadores guardarem ou repararem seus instrumentos de trabalho (embarcações, remos, redes e demais armadilhas, etc.), sendo ponto de encontro, repasse de informações, troca de experiências, bate-papo, jogo de dominó, acerto para a compra e venda de pescados e de equipamentos de pescaria. Sem dúvida, a *caiçara* constitui-se em lugar de ricas interações sociais da pesca artesanal, momentos de confluências de vários processos e elementos pertencentes à cultura pesqueira artesanal, ao ofício da pescaria.

A origem da palavra *caiçara* advém do vocabulário tupi-guarani. Para os povos indígenas:

“[...] o termo era utilizado para denominar as estacas colocadas à volta das tabas ou aldeias e o curral feito de galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe. Com o passar do tempo, passou a ser o nome dado às palhoças construídas nas praias para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores.” (ADAMS, 2000, p. 103).

Posteriormente, *caiçara* tornou-se, no Sul e no Sudeste do Brasil, sinônimo de comunidades litorâneas situadas, historicamente, entre os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, “onde se desenvolveu um modo de vida baseado na produção de mercadorias que associa a pequena agricultura e a pesca, além de elementos culturais comuns, como o linguajar característico, festas e uma forma particular de ver o mundo” (DIEGUES, 2004b, p. 24). Já em algumas localidades, *caiçara* é igual a galpão, rancho, barracão, feitoria ou barraca. Por exemplo,

“Em certas praias, na maioria ao sul de Natal, constroem uma barraca de folhas de coqueiro na praia. Barraca apenas com a cobertura vegetal e os lados livres. É a *caiçara*. Clube de conversação, lugar de conserto de redes, bate-papo, vadiação domingueira, desde o comentário da vida alheia até o sono de pedra estirado na areia convidativa.” (CASCUDO, 2002, p. 22, grifos meus).

Ao escrever seu romance – *Riacho doce* -, que se passa em praia homônima de Maceió, capital alagoana, José Lins do Rego aludiu que “no começo havia somente aquela igreja pobre, caiada de branco, debaixo do coqueiral. Casas de palha pela beira do mar, *caiçaras por onde os pescadores dormiam a sesta e guardavam as jangadas no descanso*” (REGO, 2009, p. 99, grifos meus).

Para Simone Maldonado (1993, p. 16), ao estudar pescadores paraiibanos, a *caiçara* é o lugar em que “[...] os pescadores se reúnem quando estão desembarcados e dali partem para as pescarias. É também o lugar onde os aposentados contam estórias e avaliam a pesca dos mais novos”; no Rio de Janeiro, “em Itaipu, a terra vizinha à praia sempre foi usada pelos pescadores que ali construíram suas casas e igualmente galpões para guarda das canoas, redes, etc.” (PESSANHA, 2003, p. 69), e, em Trindade, extremo sul deste estado, recebe o nome de rancho que “é um abrigo permanente onde os pescadores podem guardar seus apetrechos de pesca, incluindo até suas embarcações” (BRETON;

PLANTE, 2005, p. 47), estendendo “suas redes para consertá-las ou fabricar novas” (idem, p. 47); ou, como acontece em Pernambuco (RAMALHO, 2006, p. 160), o pescador conversa “na caiçara enquanto repara a rede”. Já em Marudá, no Pará, os ranchos ou feitorias eram, em alguns lugares, construídos “para a temporada de pesca”, sendo “armadas nas praias próximas aos mananciais de peixes [...]” (FURTADO, 1987, p. 98), servindo para guardar equipamentos de pesca e para moradia dos pescadores, temporariamente, quando da época de aparecimento de determinados peixes sazonalmente. No geral, pode-se considerar que “a instalação dos Ranchos de Pesca à beira-mar representou a conquista de importante elo entre a terra e o mar” (CARDOSO, 2004, p. 145) para os pescadores artesanais e seu modo de vida, pois “a pesca começava, terminava e se reproduzia ali” (PESSANHA, 2003, p. 33) na praia, na beira-mar.

Por isso tudo, a *caiçara* é uma oficina, tornando-se, assim como o *barco* (sua oficina aquática), centro produtivo, formador e difusor da cultura de ofício pesqueira artesanal. Na oficina da terra (a *caiçara*), assim como nos *barcos*, os mestres pescadores dominam todo processo de produção, do planejar ao executar as tarefas junto com seu(s) aprendiz(es) (pescadores mais jovens) e os profissionais mais experientes, especialmente para consertar e/ou produzir equipamentos produtivos. Quem planeja as atividades não se encontra dissociado do espaço de execução do trabalho, e, por isso, não há uma hierarquia extrema, uma separação entre classes sociais ou de quem planeja e executa o trabalho, fato comum a cultura de ofício artesanal.

Na compreensão de Antonio Rugiu (1998, p. 155), dois aspectos compõem a referida cultura: “primeiro, a atividade do artesão, desde o projeto ao produto acabado, correspondia sempre ao mesmo operador, mesmo quando ele fosse um jovem aprendiz; segundo, não escapava do artesão nenhuma etapa e nenhum aspecto inteiro do processo”. Não há, então, uma dissociação entre trabalho e capital. Ademais, o papel do mestre era (e é essencial), pois sem ele não existe uma cultura de ofício e educação de uma arte, de um artesanato, e, portanto, de um conhecimento que pode ser passado a cada geração oralmente, patrimonialmente, no ato de ver, ouvir, sentir e aprender através do fazer na oficina, seja na *caiçara*, seja no bote (*barco*).

Pode-se dizer que ela guarda uma característica histórica das corporações de ofício (RAMALHO, 2012), a saber, mesmo se encontrando sob o comando do mestre, o resultado da obra é a confluência de um trabalho coletivo, porque “o mestre e seu aprendiz ou empregado trabalhavam na mesma sala e utilizavam os mesmos instrumentos” (HOLANDA, 1995, p. 142), buscando desenvolver a mesma técnica de trabalho na execução da obra.

Na *caiçara* avivam-se, rotineiramente, formas de reciprocidade e de sociabilidade portadoras de uma cultura do trabalho pesqueira e que estão umbilicalmente cimentadas numa dialética sociocultural com a oficina marítima. Isso faz da *caiçara*, também, território da sociabilidade e de formação produtiva pesqueira. Para tanto, torna-se fundamental descrever e discutir o cotidiano dos pescadores na *caiçara*, as relações e formas de organização da mesma, o que faremos de agora em diante.

Em Carne de Vaca, tanto a construção, quanto a divisão do trabalho na *caiçara*, resultam de ação e gestão coletiva dos trabalhadores da pesca. Embora determinada *caiçara* fique sob a responsabilidade de 3 ou 2, normalmente, pescadores (parentes, compadres e/ou amigos) ou que seja gerida por 1 único mestre, a decisão de instalá-la, em certo trecho da praia, deve encontrar apoio nos demais profissionais da pesca da comunidade, desde que sua edificação não atrapalhe o acesso dos demais companheiros às águas, ao bloquear passagens do continente para o mar e/ou estuário.

Construir essa oficina é uma forma de direito costumeiro dos pescadores locais, cuja legitimidade “vem das antigas mesmo, porque cada qual pode fazer isso sem bagunçar as coisas, no respeito” (Seu Edeburgo, pescador), principalmente por ser algo “da tradição dos nativos daqui” (Xabá, pescador) ao ser “um direito do pescador de fazer... de ter um lugarzinho na beira d’água pra botar suas coisas e ajeitá-las, quando tiver precisão disso, porque não dá para levar pra casa a canoa e as redes não, né. (Seu Lourenço, pescador). Como se nota, assim como se deu em Itaipu, no Rio de Janeiro (PESSANHA, Idem), e em várias outras áreas costeiras pernambucanas (KATER, 1990), em decorrência da área da praia ser de domínio da união desde meados do século XIX em todo o País, a beira-mar de Carne de Vaca tornou-se também um ambiente em que regras de uso comum dos pescadores artesanais reproduziram-se ao longo do tempo, fazendo parte de suas regras tradicionais de sociabilidade produtiva e sendo, dessa maneira, estratégicas para que o trabalho da pesca aconteça.

O sistema de feitura dessa oficina continental dá-se, em alguns momentos, fundamentado no mutirão. Além disso, essa cooperação, para feitura da *caiçara*, estrutura-se, por outro lado, exclusivamente, na ação daqueles que a utilizarão ou se dá, quando não é mutirão, por meio de pagamento a terceiros, que é feito por aquele(s) que será (ou serão) seu(s) proprietário(s). Tudo isso depende da rede de relações existentes e, principalmente, da pressa que determinado(s) pescador(es) tem para finalizar a edificação dessa oficina continental. Entretanto, há casos em que esses sistemas combinam-se, pois, em cada etapa da sua instalação, se pode utilizar o mutirão, o pagamento de terceiros e, em determinada fase, ficar a cargo daqueles que terão o direito de posse da oficina terrestre<sup>6</sup>.

No que se refere ao dia a dia na *caiçara*, as tarefas existentes direcionam-se para o conserto dos instrumentos de pesca (redes, linhas, madeiramento das canoas, etc.), fabricação de redes (a exemplo da rede de tarrafã) e a organização e preparação do equipamento para uma nova jornada de pescaria, bem como serve para descanso e bate-papo sobre assuntos gerais.

É claro que um conjunto de tarefas é efetivada à beira-mar na proximidade da *caiçara*, pois os barcos ficam encalhados nesses trechos. Dessa maneira, consertos de rede, dos barcos<sup>7</sup> e trocas de informações acontecem também aí. Porém, as *caiçaras* “são mais importantes, porque, além de ficarmos mais nela e por guardar os apetrechos nossos nela, quando o turista fica enchendo as areias aí a gente fica mais dentro dela. Pra tudo é mais reservado” (Seu Lula, pescador).

Em todo o trabalho efetivado nessa oficina terrestre, o pescador usa seu talento na elaboração e no reparo de seus instrumentos produtivos rotineiramente, pois, mesmo quando ele compra a rede e/ou o *barco*, necessita consertá-los de modo corriqueiro. Assim, fazer e/ou comprar a rede feita ou o *caíco* (espécie de canoa movida à vela latina e/ou a motor de rabeta – de baixa potência) desnuda momentos que não se opõem; pelo contrário, completam-se. A facilidade em comprar esses meios de trabalho permite voltar mais tempo para a pesca, diminuir esforços e destinar horários para outras coisas: conversar, descansar. Hoje se compra mais do que se faz a rede.

Já o *barco* (o *caíco*) é produzido por um artesão local ou é adquirido em uma praia próxima a de Carne de Vaca (em Acaú, na Paraíba). Todavia, isso não quer dizer que os pescadores perderam suas habilidades na confecção desse instrumento, visto que a cada retorno do mar, depois da labuta, eles têm que repará-lo. No caso das redes, elas são refeitas, em maior medida que os barcos, a tal ponto que quase todas resultarão, no futuro, em obras suas, fatores que os mantêm hábeis no assunto. Contudo, há homens marítimos que gostam de confeccioná-las, dar sua “cara” a essas ferramentas pesqueiras, fazendo disso

motivo de orgulho, de satisfação por moldá-las de subjetividades. E mesmo que a produção do *caíco*, na *caiçara*, não seja concretizada pelos pescadores, eles se mostram habilidosos em seus ajustes. Então, não é a toa que eles falam desse orgulho:

“Eu sei fazer uma rede que nem comprada fica melhor. Tenho orgulho disso.” (Tato, pescador).

“A gente faz de um tudo na *caiçara*, ajeitando *barco*, rede, de um tudo de pesca. É pro cabra que tem cabeça... talento mesmo e tudo que a gente faz... e faz mesmo... é importante pra comunidade, pro povo daqui e de Pernambuco no geral, porque o nosso trabalho dá frutos pra eles todinhos.” (Dorgival, pescador).

“A gente não faz o *caíco*, mas ajeita ele tanto que ele ganha a nossa cara (risos).” (Seu Ediburgo, pescador).

Tudo isso legitima a ideia de orgulho do artífice firmado pelo seu talento e de utilidade de sua profissão anunciadas por Hobsbawm (Idem) e Diegues (1983).

Há, na *caiçara*, uma divisão do trabalho similar a que acontece no *barco*, cuja distribuição das funções opera-se de acordo com talentos (re)conhecidos e a autoridade que este legitima; e, devido a isso, o papel desempenhado pelo mestre é central. Assim, as maneiras de cooperação social refletem situações gerais em ambas as oficinas – a do continente e a aquática -, onde o processo de socialização - com suas normas, valores e padrões - é inerente a uma mesma cultura de ofício, elo de seu saber-fazer ancestral, pois “o que acontece na maré, as coisas das funções de cada integrante, do jeito mesmo de pôr pra funcionar, é cópia do que acontece aqui [apontando para a *caiçara*]... nas grinhas de tocar as coisas” (seu Mário, pescador).

Representam locais, como foi aludido, regidos pelo convívio familiar, de compadrio, amizade e vizinhança, que fundam e alimentam os elos de reciprocidade nessa oficina pesqueira e que estão também presentes nas equipes que embarcam, em larga medida, para o mar. Na *caiçara* há reuniões, conversas sobre os melhores locais de pescaria, sendo um ponto de encontro para trabalhar.

“A *caiçara* é o lugar dos pescadores, de seus parentes e amigos de estrada antiga. Se respeita o mais velho, os outros que tem a ensinar pra nós. Isso fortalece o funcionamento das coisas na *caiçara* e ajuda a gente no trabalho de pescaria, de conserto.” (Dorgival, pescador).

“A *caiçara* é um lugar em que... uma hora se coloca uma rede desse, se reúne pra conversar, pra fazer um trabalho ou detalhar outros assuntos: “Vamos em tal hora ou o que vamos fazer? Tal hora em tô na *caiçara* te esperando”. Aí a gente já sabe e vai. “Fulano, vai ta lá, naquela *caiçara* me esperando”. Aí eu chego lá. É um lugar de reunião, de encontro, de espera. A *caiçara* é o lugar do pescador e é o lugar onde se encontra o pescador. Sem *caiçara* fica ruim.” (Seu Ciço, pescador).

São esses homens, que cooperam uns com os outros, no ato de fazer e refazer as redes e reparar os *barcos*, de chegar e sair para o mar, que dão sentido à oficina terrestre. Assim como no *barco*, com a presença do mestre de pesca, a vida dentro da *caiçara* é definida e regida por códigos de conduta, cujo respeito às regras e aos laços de reciprocidade – baseado na família e no compadrio - são cruciais, fato que foi mencionado por Lourdes Furtado (1987) e John Cordell (2001) em seus estudos sobre pescadores no Norte e Nordeste do Brasil, respectivamente.

O modo de organização do trabalho na *caiçara* ocorre da seguinte maneira: (a) as atividades mais complexas (fabricação de redes e seus consertos mais exigentes, reparo de *barcos*, por exemplo) são realizadas pelos “pescadores mais experientes”, os mais “sabidos na arte da pesca, que equivale ao que chamam de mestre” (Seu Lula, pescador) ou por outro pescador de reconhecida destreza no conserto e feitura dos instrumentos, que são, normalmente, observados pelo mestre que informa como quer que fique “a produção final do trabalho do cara” (Tato, pescador); e (b) as tarefas mais simples (auxiliar no conserto de uma rede, recolher equipamentos e colocá-los, de forma ordenada, dentro da *caiçara*, etc.) são realizadas por jovens pescadores ou aqueles pescadores veteranos menos hábeis. Todavia, não é raro o mestre realizar todo trabalho.

Várias das dinâmicas existentes são provocadas por demandas advindas dos *barcos*, particularmente do que se vivencia na pesca, a saber, aí as ferramentas produtivas são analisadas com base no que se faz nas águas e, por meio disso, produz-se conhecimentos para ajustá-las na oficina *caiçara*. Pode presenciar vários colóquios entre os profissionais da pesca e ver pescarias, cujos enfoques destinavam-se ao ato de ajustar melhor os instrumentos, aperfeiçoá-los, extrair deles condições mais satisfatórias para o êxito da pesca. Seu Ciço (pescador) informou-me que:

“Em cada volta, no retorno pra terra, tem bate-papo entre a gente sobre isso, sobre como dar maior rendimento aos equipamentos, pra voltar noutra ocasião pra maré mais afiado. E mesmo quando você tá solitário na *caiçara*, a conversar é com sua própria mentalidade, na ideia de melhorar o rendimento dos instrumentos.”

Dessa maneira, há uma reciprocidade entre as oficinas, “pontos de coalescência” (MUSSOLINI, Idem), que a enriquecem ao estabelecer conexões estratégicas. Além de tudo já frisado e por ser um “clube de conversação” (CASCUDO, Idem) ou território em que os mais velhos “avaliam a pesca dos mais novos” (MALDONADO, Idem), a *caiçara* cumpre papel pedagógico de formação da cultura de ofício pesqueira artesanal, sendo “um tipo de escola” para os mais jovens.

A *caiçara* é um espaço pedagógico da (e para a) pesca artesanal, uma espécie de escola similar as antigas oficinas dos mestres artesãos na arte de repassar seus ofícios para os mais novos, fato descrito por Marcelo Mac Cord (2012), na cidade de Recife (PE), no século XIX, por Hobsbawm (Idem) e Rugiu (Idem) na Europa e Martins (Idem) sobre o Rio de Janeiro no Brasil Império. Isto é, ela “é um tipo de escola para os pescadores jovens”, repleta de “lições pra pescar” (João Paulo, pescador), *lócus* de uma tradição sociocultural e econômica, de ensinamentos de vida, regras de um ofício com seus valores e normas, assim é a oficina *caiçara* na qualidade de componente fundamental do saber-fazer da pesca artesanal e do modo de vida dos pescadores. Por isso, “então, tem como aprender na *caiçara*. Então, se você tá chegando e não sabe como... aqui, na *caiçara*, você vai aprendendo (Seu Mário, pescador de Carne de Vaca), já que “a *caiçara* é o lugar de aprender. É a escola. Lá se aprende tudo” (Lourenço, pescador) de pesca.

Tudo isso se coaduna com a afirmativa de Berenice Abreu (2012) sobre as condições de formação dos pescadores artesanais, que se repetem hoje:

“Não havia escola formal para transmitir esses conhecimentos; era na praia, acompanhando os mais velhos e inicialmente cooperando em funções mais simples, que os meninos pescadores aprendiam dos pais e parentes próximos as manhas do ofício.” (ABREU, 2012, p. 49).

Diante disso, não soa à-toa a afirmação de seu Ciço (pescador), ao externar que “sem *caiçara* fica ruim” para a recriação da sociabilidade pesqueira, sua cultura de ofício. Além disso, “ela é fundamental para que os pescadores guardem seus instrumentos de trabalho” (Seu Lula, pescador), especialmente pelo fato de que, em decorrência da especulação imobiliária em praias vizinhas (Pontas de Pedra, Catuama), as *caiçaras* e as moradias dos pescadores foram retiradas da beira da praia (e isso é ainda mais intenso em outras comunidades litorâneas, costeiras e fluviais no País).

Tal fato pode ser verificado no importante depoimento de um pescador local:

“A coisa mais importante pro pescador é a *caiçara*, porque, se não tiver a *caiçara*, não tem como ele viver, de jeito nenhum. O material de pesca... são vários os materiais. Eu mesmo moro lá trás – antes de Rosário [bairro da praia de Carne de Vaca]. Eu moro na terceira rua lá trás. Então, se eu chego da maré com meio mundo de material de pesca, que é o remo, vara, tranca, bolina, armadilha mesmo, para levar lá pra trás, não tem como. E na casa da gente não tem espaço para guardar esse material. Por exemplo, para guardar um *barco* desse, um caico... se ele não tiver um canto pra pôr um *barco* desse, numa hora dessa, ele tá acabado, porque se deixar o tempo todo no sol o sol acaba com ele.” (Seu Mário, pescador).

Contudo, mesmo reconhecendo que “a coisa mais importante pro pescador é a *caiçara*, porque, se não tiver a *caiçara*, não tem como ele viver, de jeito nenhum” (Seu Mário, pescador), ela sozinha não desvela a realidade da pesca na localidade, porque, segundo o pescador João Paulo, “a *caiçara* e o *barco* são casados, né, na vida do pescador”.

Compreender essa simbiose é crucial, pois, se a oficina continente da pesca (a *caiçara*) torna-se esteio, sujeito decisivo para a vida da oficina marítima (o *caico*), seu elemento de preparo, o mar impregna o continente de ensinamentos e de razão de ser e, ao mesmo instante, o *barco* é a oficina de execução da obra do ofício, o próprio sentido e sentimento de ser e fazer-se pescador. Para Richard Sennett, de modo geral, é na oficina do artesão que “a habilidade técnica se apresenta em duas formas básicas: fazer e consertar coisas” (SENNETT, 2012, p. 241). Pode-se dizer que uma (a *caiçara*) é o arco e a outra (o *barco*) a flecha, que tem no caçador pescador aquele que oferta unidade a essas partes. Dessa maneira, a primeira é, em certa medida, a oficina de preparo e a segunda a de execução da cultura de ofício pesqueira artesanal, as quais estão articuladas numa grande unidade.

Figura 1 - Ao fundo, 3 *caiçaras* na praia de Carne de Vaca, Goiana, PE



Fonte: RAMALHO, Cristiano. Outubro de 2009.

Figura 2 - Pescador Tato consertando rede na *caiçara* em Carne de Vaca, Goiana, PE



Fonte: RAMALHO, Cristiano. Outubro de 2009.

## **BARCO, A OFICINA MARÍTIMA**

Ninguém melhor do que a antropóloga Simone Maldonado (1993) descreveu e analisou, em plenitude, a importância prática e simbólica do *barco* (o bote, embarcação motorizada usada na Paraíba) na vida dos pescadores artesanais.

O *barco* é visto “como epicentro da vida e da ideologia dos pescadores” (MALDONADO, 1993, p. 83), onde se dá a cooperação entre os integrantes da tripulação, de acordo com suas funções no bote e os elos de pertencimento familiares e de compadrio e sob a autoridade reconhecida do mestre, e se incorpora ao bote “[...] a ordem moral que preside a pesca e que se compõe de pactos, acordos, fidelidade, *segredo* e articulação tecnológica” (Idem, p. 77, grifo da autora). Ademais, “ele é em si um instrumento de trabalho cuja utilidade se realiza em articulação com redes, espinhéis, covos, anzóis, potes de barro, linhas e tantos outros elementos utilizados na produção pesqueira” (Ibidem, p. 65), fazendo do *barco* lugar constituído e constitutivo de um “conjunto de relações sociais e habilidades profissionais” (op. cit., p. 72).

Acrescenta-se a isso a noção de que, além do valor de compreender o *barco* como transporte, instrumento produtivo e de acesso ao mar, “ao seu uso e funcionamento é essencial que haja um grupo humano que tenha um espaço “firme” para pisar em pleno mar e que o movimento para pescar” (MALDONADO, s/d, p. 5), ou, como frisou há quase 4 decênios o etnólogo francês Michel Mollat (1979), que o *barco* seria uma tábua a dividir o universo dos vivos do mundo dos mortos.

Do ponto de vista histórico, tal sentimento sobre essa divisão de mundos mediada pelo *barco* existe, na Europa, desde o período medieval, segundo constatou Jean Delumeau (1989, p. 49) com base em várias representações populares dessa época, que associam os homens do mar às forças sobrenaturais que controlavam o oceano, especialmente as demoníacas, visto que “nos contos de outrora o diabo aparece frequentemente como capitão do ‘navio fantasma’”, fato que ocasionou a existência de visões negativas sobre os próprios navegantes, “os marítimos, a despeito de suas peregrinações e de seus ex-votos, eram muitas vezes considerados maus cristãos pelas pessoas do interior e pelas pessoas da igreja”.

Mesmo antes da idade média, como mostrou Diegues (1998, p 75), o filósofo grego Anacarse (século VI a.C.), frisou que “há três espécies de seres: os vivos, os mortos e os marinheiros”.

Essa ideia da vida no mundo embarcado, portanto no mar, ser sinônimo de liberdade ou de capacidade de enfrentar um ambiente dominado por força sagradas, inumanas e, às vezes, diabólicas apresentou-se na literatura. Por exemplo, devido às características indomáveis do oceano, o escritor francês Vitor Hugo sentenciou, em meados do século XIX, que “[...] quem sabe dirigir um barco é capaz de dirigir uma insurreição” (s/d., p. 74). E mais recentemente Valter Hugo Mãe, em romance que passa no período medieval em Portugal, descreveu, a partir do diálogo de uma das personagens de seu livro, Gertrudes, com o El-Rei, a associação entre forças demoníacas, o mar e os pescadores:

“Que o mar tem poderes de incorporar a alma se mesclado com ela se faz. E alma que se perca nele não sobe ao céu, que o céu aberto no mar se espelha, e só em terra come. Que é isso, perguntou el-rei. O que vos digo, respondeu, no mar come o inferno, que ali vai pensando pastar no paraíso se em verdade tem o aspecto do céu, e este na terra pasta. Sério isso, perguntou mais el-rei. Muito sério, respondeu. Que no paraíso não se encontram almas de pescadores ou coisas sem ar.” (MÃE, 2010, p. 137-138).

Além dessa simbologia que cercava o mar e, conseqüentemente, os homens que viviam pescando ou navegando, outro aspecto fez-se relevante: a ideia de associar as águas à liberdade. Uma das provas disso foi o aparecimento de diversas embarcações enquanto espaços de autonomia. Para Peter Linebaugh e Marcus Rediker (2008, p. 179), na época das grandes navegações, do comércio e das descobertas marítimas, “os navios piratas podem ser até mesmo considerados comunidades quilombolas multirraciais, nas quais os rebeldes usavam o alto-mar como outros usavam a montanha e a mata”, cujo cotidiano nessa embarcação era vista como um mundo “de ponta-cabeça”, “produto das cláusulas do acordo que estabelecia as regras e os costumes da ordem social dos piratas, hidrarquia de baixo para cima” (Idem, 174). Tudo isso permite ver o *barco* como “um mundo singular”, por estar longe da terra.

Todavia, para o historiador brasileiro Paulo Miceli (1998, p. 100, grifo do autor), na vida embarcada, “o mundo dos marinheiros pode ser diferente, mas está longe de ser *à parte*”, [...] “externo e estranho” ao que acontece no mundo terrestre, embora tenha suas particularidades. Aspectos esses que caracterizam o que Miceli (idem, p. 100) chamou de “sociedade flutuante”, o *barco*, com suas divisões de papéis, normas e regras de convívio cheias de singularidades, mas com vários conteúdos societários que, também, estabelecem encontros, diálogos e semelhanças com o que se vive no continente.

E isso não é diferente do que se efetiva entre a *caiçara* e o *caíco* em Carne de Vaca. Se o *barco* pesqueiro artesanal, com sua tripulação, é, sem dúvida, um tipo de *sociedade flutuante* ou *epicentro da vida e ideologia* dos pescadores, porque é aí que se define e se faz pescador, o mesmo não deixa de expressar processos socioculturais que também acontecem na oficina terrestre, na condição de valores típicos de uma cultura de ofício articuladora dos pontos de coalescência entre a *caiçara* e o mundo embarcado.

Laços familiares, de reciprocidade, formas de cooperação, por meio da divisão das tarefas, e vínculos sentimentais que os une à oficina *caiçara* são também comuns à oficina *barco*, porque são os mesmos trabalhadores que estão neste lugar e no outro, segundo mencionaram os pescadores de Carne de Vaca:

“O que existe na *caiçara* a gente leve pras águas. São as mesmas pessoas que tão no serviço, na lida mesmo. O mestre e aqueles que sabem menos vão se ajeitando cada qual na sua... na sua atividade, né.” (Paulo, pescador).

“Tem semelhança sim, especialmente nas regras do respeito, na amizade, da sabedoria pra fazer as coisas. Quem sabe mais, que é aquele pescador mais sabido nas artes da pesca, faz isso e quem não sabe faz aquilo, e essas pessoas tão levando a mesminha coisa de sua autoridade pro *caíco*. Também são os mesmos caras, no *caíco* e na *caičara*, no *seviço*.” (Xaba, pescador).

É claro que a vida da *sociedade flutuante*, do *barco*, possui suas singularidades, mas ela é também marcada por hierarquias traduzidas nas funções exercidas e nas relações afetivas, comunitárias existentes no mundo embarcado.

“No contexto tradicional, autônomo, os *botes* têm seu referencial hierárquico, a sua divisão de tarefas e os seus pactos de fidelidade, de confiança e de honra baseados em relações familiares e afetivas e em formas específicas de distribuição do espaço produtivo e social. Tal modo de ser se reproduz em práticas sociais geralmente orientadas pela reciprocidade, pela independência e em fidelidade à instituição *bote*.” (MALDONADO, 1993, p. 92, grifos da autora).

De acordo com os relatos colhidos na praia de Carne de Vaca - que não é diferente em outras localidades -, pode-se afirmar que cada local ocupado por um pescador no *caíco* é definido pelo seu talento marítimo, pela agudização da sua habilidade náutica e pesqueira encarnadas nas funções assumidas no *barco*. Como já aludi em relação ao trabalho na *caičara*, aos mais jovens cabem atividades de menor complexidade, ficando, normalmente, no centro da embarcação ou na proa. Todavia, isso não é o mesmo que afirmar que eles não sejam importantes, visto que, ao cumprir atividades essenciais como, por exemplo, desmalhar os peixes e, às vezes, colocá-los no gelo, no saburá, etc., o pescador mais novo deixa o mestre livre para cumprir tarefas mais exigentes. Quando não há o pescador mais jovem no *barco*, o pescador mais acostumado com a lida, porém menos hábil que o mestre ou outro membro da tripulação, não deixa de assumir papel valioso, ao ter exigências bem maiores que as colocadas, evidentemente, aos mais novos. Se o mestre vai para as águas com um pescador mais talentoso que os anteriormente mencionados, esse pescador pode assumir, em alguns momentos, atividades similares as do mestre, especialmente quando só pescam os 2 homens no *caíco*. Ele localiza-se, normalmente, na ponta do *barco*, lançando e retirando as redes, pegando com o bicheiro (uma vara com um gancho na ponta) as bóias dos covos e redes, etc., quando o *caíco* – muitas vezes – está em pleno movimento, sendo auxiliado pelo mestre ou, caso tenham 3 pescadores embarcados, pelo pescador mais jovem ou um mais velho menos hábil.

No que concerne ao pescador hábil, esta é a derradeira função, antes de se alcançar a mestrança. A ascensão só ocorrerá se ele conseguir realizar a marcação dos pontos de pesca, assim como faz o mestre. A ação produtiva executada por tal trabalhador é rica em destreza. Sua leitura e manejo corporal ágeis revestem-lhe de papel essencial no mundo produtivo, ganhando reconhecimento dos demais e admiração advinda do próprio mestre. Em várias oportunidades, o mestre lê os gestos desse pescador, da ponta, para depois poder agir e vice-versa, onde a comunicação é plenamente corporal, em muitas situações, devido ao som do motor de rabeta e/ou para não afastar peixes mais sensíveis e que poderiam fugir diante de sonoridades estranhas.

“O novinho vai fazendo coisas de ajuda, mas que são importantes pras coisas saírem certinhas. E há aqueles mais sabidos, quase pertinho dos que são os mais experientes [de talento], os mestres. Agora, todos eles têm valor no mar, com cada qual indo por seu lugarzinho na canoa, com o mestre na popa comandando também o motorzinho de rabeta, dando direção. Pode ter outro pescador... 3 pescadores... o que tá no lugar do

novinho e não é tão preparado quanto aquele coladinho na sabedoria do mestre.” (Seu Mário, pescador).

“O *barco* tem suas atribuições de cada um ali, e isso é feito pela base do conhecimento que o pescador possui de vida dentro das águas.” (João Paulo, pescador).

Quando analisou as tarefas exercidas pelos pescadores na jangada, Câmara Cascudo as apresentou da seguinte maneira, a partir de, normalmente, 4 funções, as quais respeitam acúmulos de saberes diferenciados e diferenciadores:

“O mestre fica no seu banco, remo de governo na mão, escota no pulso e a linha de corso amarrada na altura da coxa, pescando de arribada. O proeiro fica, a boreste, perto dos espeques. O bico de proa trabalha do mesmo lado, no banco de vela. Se existe o contra-bico este fica na proa, junto aos cabrestos do banco de vela. O bico de proa é o encarregado de “aguar o pano”, jogando água do mar na vela com a cuia de vela.” (CASCUDO, 1957, p. 27).

De fato, esses saberes sofisticados ligam-se à capacidade que esses homens possuem de interpretar e mapear o mundo das águas e, acima de tudo, de pescar, de acordo com cada dinâmica ambiental encontrada, para conduzir o *barco* para águas piscosas. Por exemplo, distintamente do que existe em outras praias pernambucanas (Boa Viagem, Piedade, Tamandaré, Pontas de Pedra, São José da Coroa Grande, Gaibu, Suape, etc.), a parte do Oceano Atlântico que banha Carne de Vaca possui um mar-de-dentro mais vasto e com quantidade mais diversa de pescados, que se somam à inexistência de uma cultura do trabalho de pescarias de bote, em alto-mar. A confluência disso possibilitou pouco interesse pelo mar-de-fora. Na realidade, “não se tem uma tradição de bote aqui” (Izaque, pescador), “a gente nunca teve costume de pescar lá fora” (Lourenço, pescador), o que gestou processos ecossociais singulares, onde a pesca de *caíco* é essencial por possibilitar que eles apropriem-se dos recursos naturais existentes, através dos meios e as capacidades tecnológicas existentes.

Além da dimensão geográfica maior, há uma fertilidade intensa do mar-de-dentro ocasionada pela decisiva presença de manguezais e estuários, onde “dois rios, o Megaó e Goiana, jogam suas águas direto nesse mar e o mar neles também, fazendo que se tenha muita criação e muito pescado andando por aí na frente de nossa praia” (Xaba, pescador). A cor mais escura do mar local ratifica essa atividade expressiva entre as águas doces e salgadas. De fato, é “um mar que sempre alimentou o povo daqui” (Seu Ediburgo, pescador).

Devido a essa ecologia, o *caíco*<sup>8</sup>, que no passado foi importado das praias e estuários paraibanos próximos (Acaú) e, hoje, fabricado localmente, tornou-se a navegação pesqueira predominante em Carne de Vaca. Ela é típica das pescarias realizadas antes da arrebentação, no mar-de-dentro. Arrebentação com o mar-de-fora que “leva de 30 a 40 minutos de *caíco*” (João Paulo, pescador) para ser atingida.

Os pescadores passam por dia, no máximo, 12 horas de trabalho nas águas, dentro do *caíco* - o que é mais comum no inverno (isso será melhor ilustrada adiante) -, porém “a média é de 4 a 8 horas” (Armando, pescador). Existem aqueles que pescam 4 dias por semana, descansando nos outros restantes. Navegam próximos à costa, no mar e nos rios da localidade, já que “esses locais são os preferidos das tainhas, espadas, sauna, xaréu, siri e do camarão vila franca” (Galego, pescador). A pescaria é feita, predominantemente, com

redes de emalhar, tendo 2 pescadores na embarcação. Tecnologias essas que possuem baixa capacidade de captura frente aos botes.

Figura 3 - Pai e filho retornam do trabalho em um *caíco* movido à vela latina



Fonte: RAMALHO, Cristiano. Novembro/2009.

Figura 4 - *Caícos* com motor de rabeta pescam no extenso mar-de-dentro da praia de Carne de Vaca, Goiana, PE



Fonte: RAMALHO, Cristiano. Novembro/2009.

O ritmo da pesca e a dinâmica de trabalho no *barco* encontram íntimas relações com os ciclos das estações. Assim, em cada época, o *barco* navega em territórios distintos. Com isso, no inverno, “período de chuvas, águas frias e escuras, que a gente chama de suja, e que vai de maio a agosto” (Seu Olival, pescador aposentado), os rios recebem quantidades consideráveis de águas oriundas das suas cabeceiras (os rios Megaó e Goiana) e de vários outros trechos, os quais chegam “mais cheios” (Seu José, pescador) para desaguiarem na foz do Pontal de Carne de Vaca. As chuvas “trazem das terras muitas coisas e poluições, ficando as águas barrentas demais e ruins pras pescarias, inclusive no mar daqui, afugentando os pescados” (Seu Armando, pescador) e fazendo com que os *barcos* frequentem outros lugares nas águas, no intuito de encontrar melhores condições de pesca. O *caíco* é o território sobre o qual a *sociedade flutuante* apropria-se do ambiente local, por meio do saber-fazer de sua tripulação.

No período de chuvas, modificam-se as dinâmicas ambientais e os locais dos territórios aquáticos mais propícios para as pescarias, para os *barcos* irem, emergindo outras práticas ecossociais. Nessa época os pescadores deixam de trabalhar no mar da praia e se deslocam, através de seu mar-de-dentro, para outras localidades costeiras de Goiana (Pontas de Pedra, Barra de Catuama e Catuama), chegando, em poucos casos, a pescar no mar da Ilha de Itamaracá, no intuito de capturem peixes (tainha, principalmente), porque “a água de lá é mais limpa no inverno” (Dorgival, pescador). Esse processo aumenta as horas de trabalho nas águas, dentro do *caíco*, em decorrência do trecho para se alcançar outras áreas.

No geral, o inverno “é a época onde a gente sai mais pra longe, que a gente trabalha mais, porque a gente sai pra buscar outras águas mais limpas em outras praias, indo de 5 da manhã e voltando de 4, 6 da tarde” (Seu Ediburgo, pescador). Dificuldade essa que se soma à baixa no comércio de pescados, devido à baixa presença de veranistas e turistas na praia. Além disso, os pescadores buscam as pedras (recifes) da Galeia (início do mar-alto na parte norte), das Malhas (após a área da lama) e da Barreta (fronteira com o mar-de-fora na parte sul) para realizarem pescarias de linha e redes de fundo (caçoeira), capturando galo, xixarro, aracimbora, paru, sapurana, ariocó, xira, guarajuba, cioba, budião. Nessa localidade atingi-se a maior profundidade do mar interno de Carne de Vaca, indo de 3 a 9 braças (1 braça equivale a 1,5 m).

Na área próxima à praia, alguns pescadores desenvolvem a pescaria do “camarão pequeno com rede sauneiro e de tarrafa, porque eles gostam da água mais suja” (Tato, pescador), chegando a “praia trazidos pelos ventos norte e sul” (Galego, pescador) e passando por áreas do mar interno como os canais da Barra e da Égua e as croas (bancos de areia), como a do Bandeira, em “suas beiradas” (Hula, pescador).

Já no verão, “fica tudo mais brando e a água mais limpa, melhor de fazer pescaria” (Lourenço, pescador). De setembro até meados de maio, é a época em que os pescadores ficam mais presentes no mar-de-dentro da praia de Carne de Vaca, fazendo uso dos canais, croas, pedras e lamas. Tornam-se episódicas suas saídas, de *caíco*, para outros mares, se comparado ao inverno. “Oxente, no verão não tem precisão de sair daqui não. É peixe à vontade por essas bandas, principalmente o que o pessoal gosta mais de pescar que é a tainha” (Seu Lula, pescador).

Figura 5 - Mapa mental produzido pelo pescador João Paulo sobre a praia e as áreas de pesca – boa parte desses locais é submerso – de Carne de Vaca, com as desembocaduras dos rios Goiana e Megaó no canto esquerdo abaixo



Fonte: RAMALHO, Cristiano. Novembro/2009, Carne de Vaca, Goiana, PE.

Há uma profusão maior de espécies de pescados cristalizada, dentre outros fatores, nas variadas pescarias “de rede, de sauneiro, tainheiro e caçoeira” (Xaba, pescador) em distintos locais do mar-de-dentro como os Canais da Égua, Barra e do Arrombado, as variadas croas (Bandeira e Tabatinga) e a área da lama, bem como os rios da região. Além dos aludidos recifes (Malhas, Galeia e Barreta), há pedras anteriores, a exemplo dos Galos (submersas) e Cachá, os quais são pontos valiosos para a pesca dos peixes pampo, bagre, cabumba e tainha.

Os rios Goiana e Megaó, com seus estuários e manguezais, são espaços corriqueiramente apropriados pela *sociedade flutuante*, pelos trabalhadores e seu conhecimento objetivado no *barco* e em seus instrumentos de captura. Para os pescadores, esses rios são “aqueles lugares na beira do mar, que tem a mistura da água doce com a salgada, e que sobe o continente pra dentro, tendo os mangues neles” (Seu Izaque), simbolizando a junção das águas fluviais, estuarinas e os manguezais. Neles desenvolvem-se trabalhos com redes de emalhar e tarrafas – pescarias praticadas por duas, em média, a três pessoas, e há casos de um único pescador.

De fato, alguns pescadores usam “mais os rios na época do verão, quando a água tá mais limpa, mas eu e pai... a gente fica pescando aqui na frente [da praia], no mar-de-dentro também. A gente combina essas estratégias para pegar tainha, espada, sauna, pra melhorar os ganhos” (Hula, pescador). Capturam-se também camurim e carapeba.

Mesmo no verão, há momentos indicados para pescar nesses estuários, de preferência nas “marés fracas e mortas” (seu Lourenço, pescador), isto é, “a gente vai pra maré morta, que não tem força, e fraca, de preamar pra vazante, porque antes da gente arriar a rede ela fica e não vai pros paus pra rasgar” (Seu Mário, pescador). Além disso, “na fase da lua nova e cheia é legal” (Paulo, pescador).

No entender do pescador Seu Mário, o mar de Carne de Vaca e os diversos pontos pesqueiros nele existentes pedem “armadilhas próprias... tudo é pescaria, mas cada uma é um esquema diferente de trabalhar pra pescar pescados, com esquemas diferentes de costumes. Cada armadilha pede um esquema. É um conhecimento diferente. Tem um pescador diferente”. São, portanto, objetivações do conhecimento patrimonial pesqueiro e de gestões ecológicas, cuja vida embarcada tem valor central.

“Sem o nosso *caíco*, nosso barquinho, a gente não anda por aí, não exerce nosso saber, não pesca.” (Seu Ciço, pescador).

“É dentro do *barco* que a gente mostra que é pescador, porque é com ele que a gente domina o ambiente, pesca as coisas todas.” (Tato, pescador).

“O *barco* é o meio do pescador fazer sua tarefa, de realizar seu trabalho.” (Dorgival, pescador).

Sendo assim, é no *caíco*, na oficina marítima, que se objetiva o real trabalho da pesca, ao realizar-se as pescarias com a execução e (re)elaboração dos atos náuticos e pesqueiros, o fazer-se pescador artesanal. Porém, a vida embarcada, por mais que se distancie da *caiçara*, está impregnada desta, pois os ajustes feitos no *caíco* e nas armadilhas para que o trabalho pesqueiro concretize-se, bem como as informações sobre os melhores locais para navegar e pescar, encontram na oficina terrestre um ambiente favorável para seus acertos técnicos e socioculturais. E é isso que permite aos pescadores apropriarem-se dos rios, do mar-de-dentro, dos canais e pontos de pesca submersos, de inverno a verão.

“Quando a gente volta do mar ou vai pra lá, há aquelas conversas de indicação melhor das coisas, de refazer materiais, de pontos melhorados para se pescar. São coisas que a gente trás do *barco* para a *caiçara* e leva o que faz na *caiçara* pra pescar nas águas mesmo. É tudo muito ajuntado” (Tato, pescador).

“Uma coisa tá em combinação com a outra. É claro que tudo tem seu sistema próprio, mas tem mais combinação entre as coisas da *caiçara* e do que se desenvolve no *caíco*.” (Armando, pescador).

“A *caiçara* e o *barco*... tudo filho de nosso ofício de pescador.” (Seu Lula, pescador).

As afirmativas acima dos pescadores mostram que há um mar na terra e uma terra no mar, já que o *caíco* e a *caiçara*, essas oficinas pesqueiras, são filhas do “ofício de pescador” (Seu Lula, pescador), o que confere unidade as suas partes sem que isso signifique sufocar as especificidades de cada uma delas. Afinal de contas, “é claro que tudo tem seu sistema próprio” (Armando, pescador). Na realidade, entre essas oficinas (marítima e continental) “tudo é muito ajuntado (Tato, pescador), sendo, de fato, momentos de coalescência, porque, no modo de ser e fazer-se pescador, há “combinação entre as coisas da *caiçara* e do que se desenvolve no *caíco*” (Armando, pescador), fazendo com que essas oficinas sejam complementares e funcionem dialeticamente.

Sem dúvida, o trabalho e o modo de vida dos pescadores “são coisas que a gente trás do *barco* para a *caiçara* e leva o que faz na *caiçara* pra pescar nas águas mesmo” (Tato, pescador), seja nos aspectos produtivos (aprimoramento dos equipamentos e do próprio saber-fazer), seja devido à continuidade da formação de valores socioculturais típicos de uma cultura de ofício ancestral de origem pesqueira, que se produz e reproduz nessa fina unidade de suas oficinas (de preparação – *caiçara* - e de execução – *caíco*).

## CONCLUSÃO

Lugares de confluência de um mesmo saber-fazer. Momentos de encontro e de permanência de valores societários ancestrais. Vínculos de realização física e imaterial de uma cultura produtiva singular. Assim, são as oficinas pesqueiras (*caiçara* e *caíco*) que, além de capazes de ligar ininterruptamente o continente e o mar, expressam momentos essenciais para o processo de reprodução social da pesca artesanal em Carne de Vaca.

Pensar o mundo dos pescadores é pensar essas oficinas como entes pertencentes, enquanto territórios que, embora separados geograficamente, são partes de uma mesma territorialidade articulada por um modo de vida, uma mesma cultura de ofício, numa grande unidade. Por isso, a noção de território, na qualidade de lugar na pesca artesanal, não pode prescindir do espaço da praia, da beira-mar, assim como do mar, dos estuários, das águas.

Território e existência pesqueira que se estabelecem numa íntima relação entre as oficinas *barco* e *caiçara*, através de uma aproximação decisiva, eterno ponto de coalescência e de simbiose, onde o mar estará sempre na terra e a terra constantemente mar por meio do modo de vida dos pescadores artesanais. Perder um significa abdicar da riqueza do outro e, ao mesmo tempo, impor limites a continuidade do modo de vida dos pescadores artesanais e de sua cultura de ofício.

## NOTAS

<sup>1</sup> Dedico este escrito a amiga e Professora Dra. Fátima Massena (Departamento de Economia Doméstica da UFRPE), in memoriam.

<sup>2</sup> Parte da pesquisa, que deu origem a este artigo, contou com financiamento da Fun-

dação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe) em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através da bolsa de Desenvolvimento Científico Regional (DCR), onde, de novembro de 2007 a maio de 2010, exerci a atividade de pesquisador visitante na Coordenação Geral de Estudos Ambientais e da Amazônia (CGEA) da Fundação de Joaquim Nabuco (Fundaj), em Recife, PE.

<sup>3</sup> O Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), em 2013, estimou a existência de mais de 1 milhão de pescadores e pescadoras artesanais no Brasil. Em Pernambuco, esse número ficou acima dos 20.000 profissionais.

<sup>4</sup> A praia de Carne de Vaca situa-se a 70 km de Recife, sendo a última de Pernambuco, em seu sentido norte, antes de se alcançar o estado da Paraíba. Tem sua pesca ligada aos estuários dos rios Goiana e Megaó e ao mar. Pesca essa exercida de maneira artesanal, através da canoa tipo caíco e redes de emalhar, linhas e tarrafas, com base no sistema de parceria e nos laços familiares e de amizade. Ademais, o trabalho de mariscagem – feito por homens e mulheres – também é importante na localidade. Nunca é demais destacar que o município de Goiana é o que detém a maior produção pesqueira em Pernambuco.

<sup>5</sup> Na praia de Carne de Vaca, encontrei apenas uma caiçara utilizada exclusivamente por mulheres. Nas caiçaras pesquisadas, não identifiquei a presença delas. Parece-me que aqui como no mar há um território demarcado entre locais de gêneros (isso precisa ser estudado com mais cuidado). Cabe frisar que todos os entrevistados são donos de suas embarcações ou as usam em regime de “parceria de iguais”, como eles gostam de chamar (a produção capturada é dividida igualmente entre aqueles que pescam).

<sup>6</sup> Nunca é demais frisar que o mutirão ou trabalho coletivo é utilizado tradicionalmente na pesca artesanal, o que já foi destacado em diversos estudos e pesquisas pelo Brasil (DIEGUES, 2004; FURTADO, 1987; MALDONADO, 1993; RAMALHO, 2012a). No caso dos camponeses, isso é uma marca da sociabilidade de vários grupos sociais (CANDIDO, 2001; GODOI, 1999).

<sup>7</sup> Para determinados tipos de reparo dos barcos, as areias da praia são mais úteis, já que permitem margem maior de manobra desse equipamento, bem como é melhor de deixá-los para secar ao sol quando se pinta esse meio de produção. Para outras atividades de conserto, leva-se o caíco para dentro da caiçara ou quando o pescador possui dois barcos (o mais antigo, normalmente, fica guardado na caiçara e o outro encalhado à beira-mar pronto para ir às águas).

<sup>8</sup> Por exemplo, o caíco novo equivale a R\$ 2.400,00 e o usado cerca de R\$ 800,00 reais (preços relativos ao mês de novembro de 2009). A maioria dos pescadores detém barco, motor de rebate e redes, a partir do com financiamento do Pronaf linha B.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Berenice. *Jangadeiros: uma corajosa jornada em busca de direitos no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

ADAMS, Cristina. *Caiçaras na mata atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2000.

AMORA, Antônio Soares. *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2001.

CARDOSO, Eduardo Schiavone. O vento, o fundo, a marca: diálogos sobre a apropriação da natureza no universo pesqueiro. In: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *Enciclopédia caiçara* (volume I). São Paulo: Hucitec; Nupaub-CEC/USP, 2004, p. 133-146

CASCUDO, Luís da Câmara. *Jangadeiros*. Rio de Janeiro: SIA, 1957.

\_\_\_\_\_. *Jangada: uma pesquisa etnográfica*. São Paulo: Global Editora, 2002.

CORDELL, John. Marginalidade social e apropriação territorial marítima na Bahia. In: DIEGUES, Antonio Carlos; MOREIRA, André de Castro (Org.).

- Espaços e recursos naturais de uso comum*. São Paulo, NUPAUB/USP, 2001. p. 139-160.
- CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. *Entre o mar e a terra: tempo e espaço na pesca em Barra da Lagoa*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Departamento de Antropologia, PUC, São Paulo, 1987.
- CUNHA, Luiz Antônio. *O ensino de ofícios artesanais e manufactureiros no Brasil escravocrata*. São Paulo: Editora da Unesp; Brasília, DF: Flacso, 2000.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DIEGUES, Antonio Carlos. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A pesca construindo sociedades*. São Paulo: Nupaub-USP, 2004a.
- \_\_\_\_\_. A mudança como modelo cultural: o caso da cultura caiçara e a urbanização. In: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *Enciclopédia caiçara* (volume I). São Paulo: Hucitec; Nupaub-CEC/USP, 2004b. p. 21-48.
- DUARTE, Luiz. *As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da produção de pescado em Jurujuba*. Niterói: Eduff, 1999.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 50. ed. São Paulo: Global Editora, 2005.
- FURTADO, Lourdes Gonçalves. *Currálistas e redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987.
- GODOI, Emília Pietrafesa de. *O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- HOBSBAWM, Eric J. Artífices e aristocratas do trabalho? In: HOBSBAWM, Eric J. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 349-377.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUGO, Vitor. *O noventa e três*. São Paulo: Livraria Martins, s/d.
- KATER, Maria das Graças. *As pescadeiras de crustáceos dos municípios de Igarassu e Itapissuma, Pernambuco*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1990.
- LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LOUREIRO, Violeta Refklefsky. *Os parceiros do mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia*. Belém: CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi, 1985.
- MAC CORD, Marcelo. *Artífices da cidadania: mutualismo, educação e trabalho no Recife oitocentista*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- MÃE, Valter Hugo. *O remorso de Baltazar Serapião*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MALDONADO, Simone. *Mestres e Mares: espaço e indivisão na pesca marítima*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Botes e tripulações de iguais: ideário e instrumentos de trabalho na pesca marítima*. João Pessoa: mimeo, s/d.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultura, 1976.
- MARTINS, Mônica de S. N. *Entre a cruz e o capital: as corporações de ofícios no Rio de Janeiro após a chegada da Família Real (1808-1824)*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

- MELLO, Alex Fiúza. *A pesca sob o capital: a tecnologia a serviço da dominação*. Belém: Editora da UFPA, 1985.
- MENDRAS, Henri. *Sociedades camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MICELI, Paulo. *O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista (Portugal, séculos XV e XVI)*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- MILLER, Francisca de Souza. *Barra de Tabatinga: terra do povo, mar de todos*. Natal: EDUFRN, 2002.
- MOLLAT, Michel. *Les attitudes des gens de mer devant le Danger et devant la mort*. Ethnologie Française, Paris: 9 (2) -, 1979.
- MUSSOLINI, Gioconda. Os japoneses e a pesca comercial no litoral norte de São Paulo. In: MUSSOLINI, Gioconda. *Ensaio de antropologia indígena e caiçara*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 243-260.
- PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte. *Os companheiros: trabalho na pesca de Itaipu*. Niterói: Eduff, 2003.
- PLANTE, Steve; BRETON, Yvan. Espaço, pesca e turismo em Trindade. In: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *Enciclopédia caiçara* (volume III). São Paulo: Hucitec; Nupaub-CEC/USP, 2005. p. 21-74.
- RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. “Ah, esse povo do mar!”: um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana. São Paulo: Editora Polis; Campinas, Ceres, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Embarcações do encantamento: trabalho como arte, estética e liberdade na pesca artesanal de Suape-PE*. 2007. 301 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- \_\_\_\_\_. Estética marítima pesqueira: perfeição, resistência e humanização do mar. *Revista Ambiente e Sociedade*, Campinas, v. XIII, ano 1, p. 95-110, jan/jun, 2010.
- \_\_\_\_\_. O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais. *Revista de Antropologia – USP*, São Paulo, vol. 54, n. 1, p. 315-352, jan/junho, 2011.
- \_\_\_\_\_. Sentimento de corporação, cultura do trabalho e conhecimento patrimonial pesqueiro: expressões socioculturais da pesca artesanal. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 43, n. 1, p. 8-27, jan/jun, 2012a.
- \_\_\_\_\_. Uma etnografia lukacsiana sobre o trabalho pesqueiro. *Revista Margem Esquerda*, São Paulo, n. 19, p. 123-137, out/2012b.
- \_\_\_\_\_. A desnecessidade do trabalho entre pescadores artesanais. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, ano 17, n. 38, p. 192-220, jan/abril, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Embarcações do encantamento: trabalho sinônimo de arte, estética e liberdade na pesca artesanal marítima*. São Cristóvão: Edufs; Campinas: Ceres/Unicamp, 2017 [prelo].
- REGO, José Lins do. *Riacho doce*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2009.
- RUGIU, Antonio Santoni. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SENNETT, Richard. *O artífice*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Juntos*. Rio de Janeiro: Record, 2012.